

Apresentação

Kabengele Munanga

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MUNANGA, K. Apresentação. In: ALMEIDA, K. *Ficções do ser: o entre-lugar de bichas pretas na escola* [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2020, pp. 13-19. Transfluência series. ISBN: 978-65-86213-15-7. <https://doi.org/10.7476/9786586213300.0001>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

apresentação

A diversidade e suas diferenças fornecem a matéria prima utilizada nos processos de construção de todas as identidades individuais e coletivas. Essa matéria prima está na geografia dos corpos das pessoas e sociedades, em suas histórias, em suas culturas, em suas línguas e comportamentos individuais e coletivos. A diversidade e as diferenças estão presentes na natureza, entre plantas e animais, entre minerais, mas nunca foram classificadas hierarquicamente em superiores e inferiores como se fez com os seres e sociedades humanos. Apesar do estranhamento da diferença na percepção do outro, este deveria ser considerado como contemporâneo e igual sem degradação da diferença em desigualdade.

As diferenças biológicas – que fazem com que sejamos homens e mulheres; brancos, negros e amarelos; jovens e velhos, etc. – são inatas. Ninguém escolheu pais brancos, negros ou amarelos, antes de nascer; ninguém escolheu para ser homem ou mulher; ninguém pode escolher para permanecer eternamente jovens ou para não envelhecer, ninguém escolheu para ser heterossexual ou homossexual.

A essas diferenças naturais inatas – que fazem de nós brancos, negros, amarelos; homens, mulheres, jovens, velhos

– se acrescentam outras diferenças de ordem cultural e socioeconômica que são adquiridas. Pois pertencemos todos às sociedades humanas que criaram e desenvolveram culturas. Isto é, a totalidade de maneiras de viver, de trabalhar, de pensar e a totalidade daquilo que resulta dessas atividades (instituições, educação, filosofia, organização social, religião, etc.). Pertencemos também às sociedades que política e economicamente criaram classes sociais: ricos, médios, pobres e miseráveis.

Há de se observar que todas essas diversidades, biológica, cultural e socioeconômica, ao invés de constituírem-se em fontes coletivas de desenvolvimento e enriquecimento mútuos, transformaram-se em causas de problemas, conflitos e violências em escala mundial.

No entanto, os preconceitos são universais e existem em todas as culturas e sociedades humanas. A grave questão que se coloca é quando eles são transformados em armas ideológicas para justificar a violência, a dominação, a exploração e a exclusão dos outros. Neste caso, eles se transformam em ideologias ao serviço da dominação e exploração e assumem uma função política indiscutível.

As diferenças constituem uma fonte insubstituível de enriquecimento; a própria sobrevivência da humanidade está nas diferenças e na diversidade delas resultante.

Nas grandes calamidades naturais – doenças pandêmicas como a febre amarela e a peste –, muitos morreram, como estão morrendo hoje na pandemia da Covid-19, mas outros sobreviveram graças às diferenças imunológicas. Todas as epidemias letais exterminariam grupos inteiros se não fosse a diferença imunológica. A estética do corpo humano

é um valor em todas as sociedades. As pessoas consideradas ou que se consideram mais bonitas do que as outras têm consciência de sua beleza porque se comparam às outras pessoas consideradas feias nos cânones de beleza de cada sociedade; os homens se imbuíram de sua superioridade machista porque as mulheres existem; as pessoas mais altas ou esbeltas se acham mais bonitas porque existem pessoas baixas e gordas; os velhos se acham mais sábios porque existem jovens; os ricos se acham melhor sucedidos porque as sociedades produziram pobreza e miséria.

A grande questão que se coloca é a de que não temos a igualdade de oportunidades e de direitos por causa das diferenças. Quase todas as constituições e leis no mundo todo defendem o princípio de que “perante a lei, somos todos iguais e que todos os seres humanos nascem livres e iguais em direitos”. Teórica e formalmente sim, mas de fato e materialmente não. Os 30 artigos que constituem a Declaração Universal dos Direitos Humanos não são integralmente respeitados por todos os países do mundo; o que é um grande paradoxo, já que os países que se dizem democráticos continuam a produzir e a vender armas, mesmo sabendo que elas destroem vidas humanas, colocando o lucro e a riqueza à frente do ser humano e do “outro” diferente. Em vez de a economia estar ao serviço da maioria da população, ela está sendo colocada ao serviço de uma minoria dominante. Esta lógica de pensamento se repete no século XXI em alguns países do mundo capitalista diante das ameaças às vidas causadas pela Covid-19.

Os preconceitos e as ideologias deles resultantes têm a diferença como matéria prima: diferença de sexo ou de gênero desemboca no machismo; diferença de nacionalidade, em

nacionalismo; diferença de etnia, em etnicismo; diferença de vida sexual entre pessoas do mesmo sexo, em homofobismo, etc., e todos se transformam em justificação e legitimação da exclusão e da desigualdade entre seres e grupos humanos.

Como fazer para lutar contra esses “ismos” e suas consequências? Todos os países conscientes que querem mudar trilham três caminhos complementares: as leis, as políticas públicas e a educação. As leis devem reprimir e punir os atos discriminatórios baseados nas diferenças, porque não basta dizer que, perante as leis, somos iguais. Por isso, qualquer ato de discriminação comprovado é, na Constituição brasileira de 1988, um crime inafiançável e sujeito à reclusão. Além das leis, o Estado deva implementar estratégias e políticas de promoção da igualdade dos discriminados, visando sua inclusão e a redução das desigualdades.

As duas ações, embora importantes, não são suficientes, pois é preciso transformar o Ser através do processo de formação da cidadania, numa visão pluralista. Como bem disse Nelson Mandela, nenhuma criança no mundo nasceu odiando as outras crianças dela diferentes. São pessoas adultas que, através dos processos educativos, introjetaram ideias e comportamentos racistas, sexistas, machistas e homofóbicos nas crianças. Só a educação, acreditam, teria o poder de desconstruir os monstros que criou e formar novos diferentes.

Que tipo de educação precisamos hoje? Uma educação que forma novos cidadãos com base na valorização da riqueza de nossas diferenças e de nossa diversidade em todos os sentidos; uma educação construída a partir de novas ferramentas pedagógicas antirracistas, antimachistas, anti-homofóbicas, etc. Enfim, uma educação que respeita o outro diferente e

todas as diferenças que constituem a diversidade biológica, cultural, de gênero ou de sexo, de religião, etc.

As leis 10.639/03 e 11.645/08, que obrigam o ensino da história e da cultura dos negros e povos indígenas e a história e cultura da África na escola brasileira, visam justamente a construção de uma escola inclusiva e não discriminatória. Isto não significa que a história da Europa e da Ásia deve ser substituída, mas sim que a história do Brasil deve incluir outras raízes formadoras em vez de ser empobrecida por uma única história e cultura consideradas como superiores ou melhor que as outras. A não inclusão da história dos outros os destrói, os diminui e anula sua autoestima e sua identidade.

Mesmo na hipótese de que “somos todos mestiços”, pois a “pureza” é um mito, nossa mestiçagem não caiu do céu. Suas origens precisam ser inventariadas, analisadas e ensinadas no processo de formação da cidadania brasileira. Essas raízes não são somente europeias. São também indígenas, africanas, asiáticas, ciganas, etc. Todas contribuíram de uma maneira ou de outra no processo de formação e construção do povo e da nação brasileira.

O que este texto de apresentação teria a ver com o livro “Ficções do ser”, da autoria de Kauan Santos Almeida? Retrucariam alguns leitores? Justamente porque o autor deste livro se debruça de maneira construcionista e não essencialista sobre uma das questões que atormentam as sociedades humanas por causa das diferenças, tanto biológicas quanto culturais e sociais. Mas ele não se afoga nas águas profundas do Atlântico através do qual seus ancestrais foram deportados para os países da América. Dotado de uma dupla consciência como negro e como homossexual, ou respeitando suas próprias

palavras, como negro e como “bicha”, ele nada com facilidade nessas águas profundas em busca de compreensão e contribuição na luta contra essa dupla discriminação de raça e sexo. Depois de uma longa retórica com base nas leituras de grandes intelectuais brancos, negros e outros que discursaram sobre o assunto, ele realiza uma rica pesquisa de campo baseada na observação participante, ou melhor, na participação observante, através de uma proposta de intervenção para introduzir, no Colégio Leonilson, alguma mudança no Currículo, para quebrar o silêncio, o medo, a violência em torno dos preconceitos e das práticas racistas e homofóbicas contra “”s negros, partindo da convicção de que é através da educação, que começa no lar e continua na escola, que se forma indivíduos racistas, sexistas e machistas. Só através da educação que se pode desconstruir os monstros racistas e sexistas e construir novos cidadãos. Como fazer se os livros didáticos são repletos de preconceitos e se os próprios educadores foram formados no modelo de educação eurocêntrico e machista? Como fazer se o currículo vigente de educação é construído numa perspectiva monolítica, que não abre debate sobre as questões cadentes da sociedade e onde se pensa que formar é reproduzir os conteúdos congelados nos livros ditos científicos? A proposta que ele introduz, visando a sensibilização, a conscientização e a politização, de trabalhar a questão dos preconceitos contra homossexuais negros através de uma série de aulas-oficina, algumas até sob formas de festas de confraternização entre os semelhantes e os diferentes, é inovadora. É uma espécie de performance onde se dialoga, em grupos, entre semelhantes e diferentes, sobre suas vidas e a sociedade, em vez de uma educação individual, onde se pensa resolver sozinho as questões da sociedade. Neste texto, escrito numa linguagem ao mesmo tempo filosófica e poética, que

envolve afetivamente seus leitores, o autor interage e se expõe numa postura que a grande escritora Conceição Evaristo qualifica de escrevivência. Seu olhar de dentro dialoga certamente com o olhar de fora, numa relação dialógica em busca da libertação do pensamento colonizado e numa perspectiva decolonial.

Kabengele Munanga

Setembro de 2020